

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: O DRAMA DA PANDEMIA NAS ESCOLAS CEARENSES

Marcos Andrade Alves dos Santos ¹
Antônio Jefferson Teixeira Sousa ²
José Kasio Barbosa da Silva ³

RESUMO

Neste trabalho refletimos sobre a experiência da educação pública cearense no decorrer da pandemia da covid-19 com o objetivo de analisar as problemáticas que perpassaram a escola e a atividade docente entre os anos de 2020-2022. Recorremos ao relato de experiências para agenciar nossas reflexões. Professores/as, estudantes, gestores/as e técnicos educacionais foram pegos desprevenidos pela pandemia. A despeito de parar de forma continuada as atividades escolares, as instituições públicas de ensino procuraram seguir uma agenda voltada para a implementação do ensino remoto e posteriormente da modalidade híbrida. Professores e formadores ensaiaram políticas de formação e de ensino implementadas no âmbito da Secretaria de Educação do Ceará, com o apoio das Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da Educação. Essas políticas permitiram a abertura das escolas a partir da utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no contexto escolar. Essa abertura das escolas na modalidade remota e posteriormente híbrida, foi tema de muitas problemáticas e debates, especialmente a respeito da desigualdade de acesso aos recursos digitais por parte de estudantes e professores, bem como a formação de professores para atuar nestas modalidades de ensino.

Palavras-chave: Formação Docente, Pandemia, Ceará, Ensino Remoto.

INTRODUÇÃO

Os processos formativos de muitos de nós professores, ocorreram através de distintas experiências e na convergência dos mais diferentes espaços formativos antes do surgimento da pandemia da Covid-19. Podemos concordar que nossos cursos de graduação em licenciatura foram disparadores para um conjunto de experiências formativas significativas e para que acessássemos diferentes espaços importantes para a formação docente.

Estágio Supervisionado, congressos da educação, viagens a outros estados e visitas a outras universidades, circulação em museus e bibliotecas, apresentação de pesquisas em eventos, representam algumas das experiências que mediam nossa percepção para conceber que a formação docente deve ser permeada por múltiplos trânsitos e em múltiplos espaços/tempos/pedagogias. Todas essas experiências nos conduzem a pensar que é preciso ampliar o repertório social e cultural do professor, no sentido de tornar a sua formação mais completa e mais crítica, como imaginava Freire (2020).

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC, marcosandradealves9@gmail.com;

² Especializando em Arquitetura de Software e Soluções – XP Educação, r15.antoniojefferson@gmail.com;

³ Especialista em Ensino em Sociologia pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS.

Neste trabalho, refletimos sobre o trabalho desenvolvido pela Equipe Agente de Gestão da Inovação Educacional/AGI na Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação/CREDE 2. Esse trabalho foi gerenciado no instante mais letal da segunda onda da Covid-19, em 2021. O momento foi permeado por incertezas e por dificuldades relevantes que marcaram a educação pública cearense durante a pandemia, sobretudo no campo da formação docente. Nesse contexto, este artigo possui uma íntima relação com aquilo que suscitou a pandemia em termos de exigência para educação, principalmente no que concerne à formação de professores que atuam nas escolas públicas cearenses.

A pandemia colocou a humanidade em uma posição delicada, exigindo que o cotidiano da educação fosse reorganizado sob outra ótica, especialmente diante das desigualdades que a pandemia escancarou (SANTOS, 2020), as quais alcançaram a vida de estudantes e professores. É verdade que diante de um vírus que se alastra rapidamente, desestabilizando as marcações aparentemente fixas que acreditávamos construir o cotidiano (FERRAÇO; ALVES, 2015), ficamos ainda mais expostos ao caos e à insegurança.

Outros objetivos se impuseram com maior força para a agenda educacional mais pragmática, como a garantia da vida de professores, estudantes e demais profissionais escolares, contudo, sem que isso significasse a interrupção imediata das atividades escolares. Na verdade, a prática educativa foi deslocada – com todos os ajustes e reconfigurações necessárias – para o digital e em rede (SANTOS, 2019). Pensamos que essa reformulação foi muito desafiadora para os estudantes da rede pública do Ceará, principalmente aqueles que experimentaram a dramática ampliação da exposição à condição de precariedade e pobreza durante a pandemia. A pedagogia do vírus (SANTOS 2020), na extensão de sua crueldade, difere amplamente de nossas expectativas para a pedagogia da/na escola.

Deste modo, o Ensino Remoto foi construído como resposta emergencial diante da reconfiguração da educação desde o início da pandemia (SANTOS, 2021). Neste artigo, pretendemos construir uma reflexão que considera o contexto de atuação e de formação dos professores para atuar no ensino remoto e no híbrido, tomando como perspectiva a agência dos AGI nesse processo no estado do Ceará. Neste sentido, a experiência como AGI se constitui em mote para refletir sobre o intenso movimento formativo que se constituiu cotidianamente nas escolas cearenses desde o prelúdio da pandemia.

METODOLOGIA

A escrita é uma atividade que em qualquer contexto exige muito dos professores. Com o aprofundamento da pandemia, para os professores – como nós – escrever compreende um ato de resistência e um ato de sobrevivência para nossas práticas e nossos sonhos. E assim, escrever se tornou um meio para compor narrativas sobre nossas viagens, ainda que por vezes esse relato já tenha sido anunciado por outros. Concordamos com Duarte (2002, p. 140), quando a autora escreve que na pesquisa não há nada de “absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais”.

Em pesquisa qualitativa (GODOY, 1995; DUARTE, 2002), que é o que se propõe neste trabalho como orientação metodológica, lidamos com essa contingência o tempo todo. E isso não é algo que nos assombra, pelo contrário, é algo que nos move no sentido de apresentar o nosso olhar e nossa apropriação das experiências e conhecimentos teóricos e metodológicos que selecionamos para compor esse artigo em plena pandemia.

Nas circunstâncias em que pesquisamos, o campo se tornou acessível através das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDICs e os encontros passaram a ser configurados pelas telas de celulares e computadores, através das mais diferentes mídias de comunicação e do Google Meet⁴, em particular. Entendemos que a observação atenta em momentos formativos com professores e gestores da CREDE 2 nos possibilitaram entender algumas questões que perpassaram a formação docente na pandemia. Desta forma estabelecemos a observação participante e semi-estruturada como estratégia de coleta de dados.

Para Vianna (2007), a observação semi-estruturada possui vantagens quando realizada por pesquisadores vinculados a instituições cuja idoneidade seja reconhecida socialmente, nomeadamente na participação dos sujeitos na pesquisa. Para o autor, essa técnica

consiste na possibilidade de o observador integrar a cultura dos sujeitos observados e ver o “mundo” por intermédio da perspectiva dos sujeitos da observação e eliminando sua própria visão, na medida em que isso é possível [...] o conteúdo da observação deve ser necessariamente delimitado, porquanto é impossível observar a todos e a tudo (VIANNA, 2007, p. 21-26).

Tendo por norte essas perspectivas, a pesquisa foi conduzida no âmbito da participação de um dos autores, como Equipe AGI, nos momentos de realização de seu trabalho nas escolas da CREDE 2, bem como nos eventos formativos da instituição com gestores e professores.

⁴ Serviço de comunicação por vídeo chamadas desenvolvido e disponibilizado pelo Google. Diversas instituições educacionais fizeram acordos com o Google para disponibilização do serviço de comunicação, bem como de outras ferramentas da Plataforma G-Suíte, de forma ampliada para situações escolares.

Nestes momentos, registrados em diários, procuramos referência aos discursos sobre a formação docente em tempos de pandemia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pandemia da covid-19 se instituiu como um divisor de águas no campo da educação e, seguramente, impactou de forma decisiva a formação dos professores. É possível dizer que existe um antes e um depois na formação docente, e que a pandemia é aquele instante limite que modificou radicalmente o curso da formação de professores brasileiros.

A mudança paradigmática anunciada por Morin (2011) desde as últimas décadas do século XX foi drasticamente acelerada pela pandemia que nos alcançou ainda no último ano da segunda metade do século XXI. Uma mudança que compreendeu práticas, espaços, ferramentas e mentalidades se impôs com radicalidade aos professores, sobretudo para aqueles mais surpresos com a realidade pandêmica.

Assuntos antes ignorados ou estabelecidos como preocupações para um momento posterior da formação continuada dos professores (e ao critério dos professores) foram imediatamente assumidos como centrais para a continuidade do ensino em tempos de pandemia. Este parece ser o caso das TDICs (COLL; MAURI; ONRUBIA, 2010), especificamente no contexto de sua aplicação como Tecnologia Educacional. O uso das TDICs quase sempre é um subtópico das formações em didática docente ou um assunto que pode esperar outro momento, mesmo que essa demanda desde há muito tempo seja uma exigência diante do contexto moderno de ampliação dos usos das tecnologias (KENSKI, 2007).

Na pandemia da Covid-19, com a reconfiguração das atividades presenciais dos estabelecimentos de ensino para o ciberespaço (SANTOS, 2019), a utilização das TDICs assumiu uma posição central na prática pedagógica e nos processos formativos dos professores. O novo cenário exigiu dos professores a capacidade de estabelecer um novo relacionamento com as tecnologias, compreendendo sua importância para a continuidade do processo educativo frente à pandemia.

A imensa maioria de professores da CREDE 2 – Itapipoca com quem tivemos a oportunidade de conversar, afirmou ter sido pega desprevenida diante do cenário de fechamento do espaço físico das escolas – em razão da quarentena⁵ tomada como medida preventiva pelos

⁵ No dia 20 de março de 2020, iniciou a quarentena decretada pelo Governo do Ceará como medida de contenção da disseminação do coronavírus no estado. O decreto instituiu o fechamento do setor de comércio e o estabelecimento do isolamento social, além do uso obrigatório de máscaras e de higienização do corpo e dos

estados e municípios para impedir o avanço do vírus da covid-19 – e abertura das escolas em salas de aula no espaço digital e em rede. Diversas plataformas foram importantes nesse processo de construção do Ensino Remoto, dentre as quais destaco as plataformas próprias de cada escola, a exemplo do Portal de Estudo Domiciliar – PED, e, principalmente, a Plataforma G-Suíte, com ênfase no Google Classroom.

Essas plataformas foram se estabelecendo como propostas viáveis apenas diante da realidade de cada escola. A partir do mapeamento das condições de acessibilidade dos estudantes – o que no geral, revelou um contexto de aprofundada exclusão digital (SANTOS, 2021) – os professores elegeram aquelas plataformas que tornavam o trabalho pedagógico significativo para os estudantes. Na visão dos professores com os quais interagimos nenhuma destas plataformas, no entanto, tem a utilização mais ampla do que o WhatsApp, dadas as circunstâncias precárias de acesso e conectividade dos estudantes das escolas da CREDE 2 e do Ceará.

Retomando essas questões do ponto de vista dos professores, podemos encontrar em suas falas algo que ilustra a posição de surpresa e desconforto com o contexto imposto pela pandemia:

“Não tivemos formação para trabalhar desta forma”. (Professora 1)

“Não compreendemos a natureza desta ou daquela ferramenta digital.”
(Professor 2)

“Não temos condições de trabalhar com essa ferramenta, porque não vai alcançar nossos alunos”. (Professora 3)

Algumas posições poderiam ser sintetizadas nessas afirmações, ainda que corramos o risco de parecermos simplistas diante da complexidade de fatores que moveram o quadro da pandemia na educação brasileira e cearense. De fato, não é disso que se trata. O que se procura aqui é destacar que essas posições não implicaram numa atitude passiva ou de resistência a trabalhar arduamente pela aquisição de competências e habilidades que qualificassem o professor para a atuação na conjuntura pandêmica e de incorporação ampliada das TDICs na

ambientes, como medidas preventivas de combate ao coronavírus. Tais medidas sofreram resistências por parte de alas negacionistas da sociedade cearense, estimuladas pelas redes de fake news que disseminaram notícias falsas sobre a quarentena, o isolamento social e o uso de máscaras. Contudo, diante da letalidade da covid—19, o amparo da ciência e sua política exitosa de combate a pandemia, o Governo do Estado do Ceará manteve sua posição com relação ao fortalecimento dessas medidas, ampliando o quanto foi possível a sua durabilidade. Com o advento da vacina, as medidas estão sofrendo certo relaxamento. Por certo, a vacina conseguiu reduzir a letalidade da infecção causada pelo coronavírus e, com isso, o quadro da pandemia vem se modificando.

educação. Tais posições foram o ponto de partida para movimentos de formação docente que redefiniram os rumos dessa profissão agora e no futuro.

Desta forma, diante de tais assertivas, vocalizadas pelos professores em diferentes momentos formativos na CREDE 2, as escolas se reinventaram para atender essas questões inerentes ao trabalho de formação docente na perspectiva continuada. Como esses processos se tornaram possíveis? De quais referências dispunham as escolas para fomentar a formação de professores para atuarem durante a pandemia?

Nos relatos de Gestores escolares da CREDE 2, com os quais mantivemos contato, encontramos a referência a um ou dois professores com maior experiência na utilização de Tecnologias Educacionais ou com formação específica nessa área já atuando nas escolas quando a pandemia se instalou. Pronto. Iniciava-se na interlocução com estes profissionais a formação entre pares nas escolas e a formação de professores mudou radicalmente de contexto, passando de modo intenso e acelerado para o digital e em rede, atendendo às exigências há muito instaladas na cibercultura (SILVEIRA, 2008; SANTOS, 2019).

Durante esse processo inventivo, as escolas, gestores e professores contaram com o apoio e a orientação dos órgãos de gestão, acompanhamento e fiscalização do trabalho escolar, a exemplo das CREDES e da Secretaria da Educação do Estado do Ceará – SEDUC/Ce. Esse apoio e orientação se deu por distintas vias, entre as quais registro aquelas que parecem mais evidentes, como:

- | |
|--|
| 1. Produção pela SEDUC/Ce, através da Coordenadoria Estadual de Formação Docente e Educação à Distância (Coded/CED) de cursos de Competências Digitais para a Docência em Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA, que foram turbinados em razão da formação docente no contexto de pandemia; |
| 2. Webinars na Plataforma Youtube, Canal da Coded/CED, trabalhando temas centrais para o trabalho docente durante a pandemia; |
| 3. Ampliação da relação entre CREDES e escolas/gestores/professores através da criação de Comitês específicos para tratar de assuntos específicos da gestão do trabalho no período pandêmico. |
| 4. Ampliação das Visitas Técnicas da Superintendência Escolar, no sentido de fortalecer os processos de gestão e formação de professores durante a pandemia. |
| 5. Conferências, eventos formativos virtuais e outras experiências de interação com os professores a nível de Regional/CREDE 2 e de SEDUC/Ce, no intuito de estabelecer diretrizes e paradigmas |

compartilhados de formação em rede para atuar no Ensino Remoto e na etapa híbrida que está se construindo paulatinamente com o recuo da pandemia.

6. A chegada da Equipe AGI, como profissionais que apoiarão a transição das escolas do Ensino Remoto para o Ensino Híbrido a partir da curadoria de conhecimentos, habilidades, competências, materiais didáticos e ferramentas digitais inovadoras para as escolas.

Esses pontos apenas sintetizam um intenso e diversificado programa de rearticulação das escolas e dos processos formativos dos professores em função da pandemia, sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades que vêm sendo construídas no âmbito da SEDUC/Ce ou das CREDES. A construção destes pontos dialoga com a experiência na CREDE 2 e com os processos específicos que ocorreram nesta articulação que visualizamos nesta Regional enquanto escrevemos.

É importante situar desta forma, pois é central em qualquer ensaio escrito sobre a pandemia considerar as dificuldades de escrever sobre acontecimentos e processos que estão constantemente se transformando e assumindo outras perspectivas. Nossa escrita buscou acompanhar esse movimento, despindo-se da aspiração de engessar os processos e os movimentos das escolas. Diferentemente de outras instituições, para as quais a quarentena significou a suspensão total de suas atividades laborais, nas escolas jamais cessaram os atendimentos. Esse é um aspecto indispensável em nossas reflexões sobre o Ensino e a respeito da Formação de Professores em tempos de pandemia.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Se elaboramos o cotidiano como movimento e inventividade (FERRAÇO; ALVES, 2015), isto é, fluxo para devires, perceberemos que a escola passa por incessantes movimentos de transformações mesmo antes da pandemia. A escola sempre aprende algo novo com seus agentes, e os agentes sempre aprendem algo novo com a/na escola.

Como professores que atravessaram a pandemia atuando na relação com as escolas, propomos perspectivar a formação de professores na pandemia a partir de elementos trazidos pelo olhar destes agentes sobre suas práticas. Esses olhares compõem desafios, limitações, dificuldades, mas também recuperam inventividades ensaiadas no Ensino Remoto e na preparação para o Ensino Híbrido. Os professores das escolas públicas cearenses e da CREDE 2 tornaram o desafio de trabalhar na pandemia um fluxo intenso para experimentações e

aprendizagens. Eles reconfiguraram o contexto de suas formações, suas atuações e suas práticas, sempre buscando fortalecer a relação com os/as estudantes e o conhecimento.

Precisamos aprofundar a reflexão no sentido de encontrar os/as estudantes excluídos/as digitalmente (SANTOS, 2020) e socialmente. É importante perguntarmos como estes experienciaram o limbo da exclusão imposto pela pandemia, tão logo esses sujeitos ficaram presencialmente fora das escolas. É preciso lembrar que em um país como o Brasil, em que as desigualdades sociais se ampliaram nos últimos anos, para alguns alunos, a escola como espaço físico é o único lugar onde se tem acesso à educação, à alimentação e à dignidade social.

O digital e em rede não é o único desafio para a grande maioria dos brasileiros, há outras realidades que atravessam o destino social precário dos nossos estudantes e professores, como a pobreza, a fome e o desamparo social.

REFERÊNCIAS

COOL, C.; MAURI, T. ONRUBIA, J. A incorporação das tecnologias de informação e comunicação na educação: do projeto técnico-pedagógico às práticas de uso. In: COOL, C; MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2010, Cap. 3, p. 66-93.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>. Acesso em: 27 ago. 2021.

FERRAÇO, C. E.; ALVES, N. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência as imagens narrativas na invenção dos currículos e da formação. **Espaço do Currículo**, v. 8, n. 3, p. 306-316, set./dez., 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 66ª ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas** [online]. v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008>. Acesso em: 27 ago. 2021.

KENSKY, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020.



SANTOS, E. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, E. O ensino híbrido como “a bola da vez”: vamos redesenhar nossas salas de aula no pós-pandemia?. **Notícias, Revista Docência e Cibercultura**, jun. 2021. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1289> > Acesso em: 19 ago. 2021

SILVEIRA, S. A. A noção de exclusão digital diante das exigências de uma cibercidadania. In: HETKOWSKI, T. M. (org.). **Políticas públicas e inclusão digital**. Salvador: EDUFBA, 2008. Cap. 2, p. 43-66.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.